

Opinião

O preço da electricidade até 2032: o terror com hidrogénio

**Clemente
Pedro Nunes ***



Em 2005, o Governo Sócrates decidiu que "os consumidores tinham que pagar o que fosse preciso" para se viabilizar o absurdo de basear o Sistema Elétrico português em 6.000 MW de potências intermitentes, eólicas e solares.

Por isso concederam aos respetivos promotores FIT – Feed In Tariffs, dando-lhes a garantia de preços muito elevados, e além disso o privilégio de expulsar todos os concorrentes sempre que quisessem, e tudo isso pelo prazo de 15 anos!

O esquema foi promover estas tecnologias à custa dos consumidores que, devido ao circo mediático montado na altura, nem se aperceberam que ficavam amarrados por longos anos a um Sistema Elétrico desastroso.

Mas era já óbvia na altura a irracionalidade de se basear o sistema em 6.000 MW de potências intermitentes, que é muito mais elevado do que o consumo em vazio de apenas 3.900 MW.

Como os 600 MW das potências solares, com

FIT, arrancaram em 2013, vamos continuar a pagar a loucura dos 380 euros/MWh até 2028!

Relativamente aos 5.400 MW de potências eólicas a 100 euros/MWh, esse pesadelo foi entretanto prolongado até 2032!

E como entretanto os preços do petróleo e do Gás Natural desceram para 40 USD/barrel, e os custos das novas tecnologias vieram a tornar a electricidade solar e eólica muito mais barata, os consumidores estão a pagar na electricidade um sobrecusto de cerca de 2.000 milhões de euros por ano, face ao atual preço de electricidade em mercado de apenas 40 euros/MWh!

E estão obrigados a pagar este sobrecusto até 2032, prejudicando gravemente as famílias e a competitividade das empresas que têm que fazer face à concorrência de países com energia muito mais barata.

O efeito negativo na economia tem sido brutal, e é uma das principais causas do marasmo económico nos últimos 15 anos, e de muitos países da Europa Central, que pertenciam ao antigo bloco soviético, nos terem já ultrapassado em termos de PIB per capita.

Mas a desgraça infelizmente não acaba aqui.

Como as centrais de "backup", que cobrem as falhas das intermitências eólicas e solares, são obrigadas a ter um funcionamento ineficiente baseado num regime de pára/arranca, a respetiva exploração tornou-se economicamente inviável caso não tenham a proteção

dum CAE ou dum CMEC. Por isso, a EDP quer agora fechar a Central de Sines, porque o respetivo CMEC terminou em 2019. E por isso as centrais do Pego e da Tapada do Outeiro também pretendem encerrar, quando os seus CAE terminarem em 2021 e em 2025, respetivamente.

Só que o sistema elétrico não pode funcionar sem ter potências de "backup" para se evitar o risco de sucessivos "apagões".

Uma solução óbvia seria, por um lado, o reforço das centrais a biomassa, que é renovável e que não é intermitente, e promove a limpeza das nossas florestas, e por outro lado o reforço das interligações elétricas entre a França e a Península Ibérica. Em vez disso, surgiu agora o famoso Projeto do Hidrogénio baseado na eletrólise da água.

E a receita é a mesma que o Governo Sócrates utilizou em 2005:

- monta-se um circo mediático para promover uma tecnologia ainda imatura, anunciando que "se vai salvar o planeta";
- os promotores que alinham têm a garantia de rentabilidades atrativas nos respetivos investimentos;
- os consumidores "são obrigados por lei a pagar o que for preciso para que isso aconteça"!

E é isto que determina a Resolução do Conselho de Ministros n.º 63/2020, de 14 de Agosto, ao estabelecer "sete metas obrigatórias a cum-

prir até 2030", e que incluem 2500MW de eletrólizadores, 15% de hidrogénio na rede de gás natural e 5% no transporte rodoviário, com a instalação de 100 pontos de abastecimento para o efeito.

Em cima do terror a que já estávamos condenados até 2032, e do peso de 3.000 milhões de euros da Dívida Tarifária do Setor Elétrico, vamos agora ter também o hidrogénio às nossas costas.

Precisamos de evitar estas calamidades! ◀

* Professor Catedrático
do Instituto Superior Técnico

*Este artigo foi escrito ao abrigo
do novo Acordo Ortográfico*



**O efeito negativo
na economia tem sido
brutal, e é uma das
principais causas do
marasmo económico
nos últimos 15 anos**

